

Letramento digital: os usos dos celulares em aulas de licenciatura em letras - inglês

RESUMO

Muitos jovens de hoje em dia podem ser considerados nativos digitais. Isso porque, segundo Lankshear e Knobel (2008), há uma geração inteira que tem crescido em uma sociedade digital, expostos a grandes quantidades de informações em uma variedade de formatos: texto, imagens, vídeo e áudio. Contudo, as tecnologias digitais nem sempre são bem vistas dentro da sala de aula. Neste estudo, buscamos problematizar o papel das tecnologias digitais (principalmente os celulares) na vida cotidiana e escolar de estudantes de Letras-Inglês de uma universidade federal brasileira. A metodologia é qualitativa, de cunho etnográfico e os métodos aplicados foram entrevistas orais e observação de aulas. Alguns resultados desta pesquisa apontam para a necessidade de mais diálogos entre educadores e educandos no tocante ao encontro educação tecnológica e educação linguística.

PALAVRAS-CHAVE: Tecnologias Digitais. Novos letramentos. Educação em língua inglesa.

Daniel de Mello Ferraz

danielferrazufes@gmail.com

Universidade Federal do Espírito Santo,
Vitória, Espírito Santo, Brasil.

Isabele Vianna Nogarol

bele_fly@hotmail.com.br

Universidade Federal do Espírito Santo,
Vitória, Espírito Santo, Brasil.

INTRODUÇÃO

Os jovens de hoje não conseguem se lembrar de um mundo sem internet, SMS, MSN, iPod, MySpace e Facebook. Porém, os responsáveis pelas políticas definem como as mídias digitais serão utilizadas nas escolas e no mundo profissional. Eles criam leis e regulamentos que restringem o potencial inerente às mídias. Isso representa uma solução de curto prazo e um desafio de longo prazo. O problema é que as escolas correm o risco de basear seus ensinamentos em apresentação, comunicação e avaliação por meio de métodos que estão quase se tornando obsoletos, tanto em forma, quanto em conteúdo (*Tradução nossa*, LANKSHEAR; KNOBEL, 2008, p. 13).

Vivemos mudanças exponenciais por conta das Tecnologias Digitais (doravante TD). Elas nos surpreendem com a velocidade em que evoluem: o celular, por exemplo, mudou abruptamente, pois, se antes atendia à função comunicativa de receber e realizar chamadas, hoje em dia, pode enviar e receber e-mails, realizar compras online, fornecer mapas virtuais, prover jogos eletrônicos, enviar mensagens de texto e mensagens multimodais (áudio, fotos e vídeos combinadas), proporcionar o visionamento de filmes, prover acesso às redes sociais, gravar, editar e produzir música e vídeos, enfim, temos um computador em nossas mãos. A esse respeito, Rheingold (2003) assevera, sobre essa (r)evolução tecnológica, que “Os computadores eram do tamanho de uma sala em 1950, depois do tamanho de um desktop na década de 1980. A seguir, vamos perdê-los de vista, se caírem no tapete” (tradução nossa, RHEINGOLD, 2003, p.103).

Em decorrência disso, as gerações mais novas (por exemplo, as jovens gerações das grandes metrópoles brasileiras) já nascem em contextos mormente tecnologizados e acabam surpreendendo as gerações mais antigas com a facilidade que lidam com a digitalidade. As redes sociais (Facebook, Twitter, Instagram, Snapchat), os onipresentes websites (Google, Youtube) e os variados aparatos tecnológicos (laptops, câmeras digitais, celulares, robôs, aparelhos de jogos, máquinas de extensões humanas, etc.) são exemplos de novas tecnologias que fazem parte dos contextos sociais contemporâneos. Assim é que muitos não conseguem mais viver sem elas, como foi possível constatar nas entrevistas realizadas nesta pesquisa. Alguns teóricos advogam que as novas TD caracterizam sobremaneira a sociedade atual. Segundo Fieldhouse e Nicholas (2008), por exemplo:

Cada vez mais as pessoas estão sendo forçadas a usar a Web apenas para serem capazes de ter alguma função na sociedade de hoje. Saúde, riqueza e educação são agora dependentes do acesso à internet e a capacidade de usá-la de forma eficaz. Muitas oportunidades e muita informação são oferecidas somente para o consumidor virtual (tradução nossa, FIELDHOUSE, NICHOLAS, 2008, p. 62).

Embora atentemos para o fato de que uma parcela da população dos grandes centros urbanos não utilize ou necessite da Web para suas atividades rotineiras, percebemos uma sociedade cada vez mais digital. Alguns exemplos são os sites oficiais governamentais em todas as esferas (municipal, estadual e federal), uma vez que, hoje em dia, não é mais possível ir ao balcão de atendimento para a

solicitação de diversos documentos, tais como passaportes, cartão do cidadão e notas fiscais. Porém, mesmo com essas transformações providas pela sociedade digital, as novas tecnologias parecem não ser utilizadas (ou problematizadas) em espaços escolares, haja vista que as práticas pedagógicas (por exemplo, em muitos ambientes universitários e de ensino médio) ainda são dominadas pelo livro impresso, pela linearidade e pela pedagogia tradicional.

Os celulares, por exemplo, vêm influenciando a cultura dos jovens e a educação, mas no ambiente escolar, alguns de nossos estudantes pesquisados afirmam que o celular é visto como um pesadelo ou ameaça para muitos professores. Não obstante, defendemos que a inclusão das TD pode trazer muitos benefícios para o aprendizado, como afirma Soby (2008):

Internet e serviços móveis tornam a comunicação mais rica, abrangendo mais mídia e mais uso pessoal (...) Isso oferece oportunidades anteriormente desconhecidas e novas para aprender. No entanto, para que ela seja bem-sucedida, os alunos têm que ser incluídos. Enquanto isso, as teorias de aprendizagem têm que ser atualizadas e entrar em sintonia com a revolução digital. A prática pedagógica ainda é dominada pela tecnologia livro (tradução nossa, SOBY, 2008, p. 123).

Nesta pesquisa, problematizamos essas questões, tentando compreender como os estudantes em formação do curso de Letras-Inglês da Universidade Federal do Espírito Santo veem o letramento digital e o uso de celulares em suas aulas. Em um primeiro momento, apresentamos o contexto, a metodologia e os métodos de pesquisa. Na primeira seção, teórica, estabelecemos nosso lócus de enunciação, ou seja, o letramento digital. A seguir, apresentamos duas seções de análises, nas quais as discussões de dados e as teorizações estão tecidas e imbricadas. Na primeira, problematizamos o papel das tecnologias no cotidiano escolar dos estudantes de Letras. A segunda busca problematizar, especificamente, o uso dos aparelhos celulares pelos mesmos estudantes. Alguns resultados desta pesquisa apontam para a necessidade de mais diálogos entre educadores e educandos no tocante ao encontro educação tecnológica e educação linguística.

CONTEXTUALIZAÇÃO E METODOLOGIA

Conforme Ferraz (2016, no prelo), criado em 1953, o curso de Letras é um dos cursos mais antigos da UFES. Dentre as seis licenciaturas, o curso de graduação em Letras-Inglês é o único com licenciatura plena. Segundo a Proposta de Projeto Pedagógico – PPP (UFES-DLL, 2006), o curso conta com 60 disciplinas obrigatórias e 2 optativas durante os 8 períodos/semestres, somando mais de 3000 horas dedicadas a discussões de conteúdos teóricos e de prática docente. Para as disciplinas em inglês, são duas grandes áreas: língua inglesa e literatura. Vale ressaltar que todas as disciplinas em língua inglesa são lecionadas em inglês desde o primeiro semestre e que o nível linguístico dos estudantes é correspondente a esta prática (são alunos que já possuem conhecimento linguístico acima do nível B1/B2 do Quadro Comum Europeu).

A coleta de dados foi realizada durante o ano de 2014 na turma de 4º período (16 estudantes), na disciplina de Comunicação Escrita e o Texto Acadêmico do Curso de Licenciatura em Letras-Inglês da Universidade Federal do Espírito Santo.

A turma era formada por 12 mulheres e 4 homens, com idades entre 19 e 27 anos. Um breve perfil dos estudantes dessa turma revela que todos os 16 graduandos são fluentes na língua inglesa (LI), ou seja, todas as aulas foram ministradas em LI. Vale ressaltar que, mesmo ainda em formação, a maioria deles (14) já era professor(a) em algum centro de línguas da região da Grande Vitória. O perfil socioeconômico geral apontou para estudantes de classe média e classe média baixa.

O corpus constitui-se de dados provenientes de anotações de observação de aulas (realizada durante 6 semanas) e posterior entrevista com os estudantes da turma. Cada aula observada teve duração de duas horas e as entrevistas foram realizadas logo após cada aula. Entrevistamos dois a três estudantes por aula. Os roteiros de entrevista e observação compõem o Apêndice 1 deste artigo.

A metodologia utilizada é qualitativa, de cunho etnográfico e os métodos observação in loco e entrevistas orais gravadas foram utilizados. As observações de campo foram registradas em língua portuguesa e as entrevistas foram realizadas em língua inglesa. Com exceção da estudante Irene (que respondeu em português), decidimos manter, nos excertos aqui analisados, as falas dos estudantes na língua em que foram entrevistados (LI). Todos esses excertos foram traduzidos para o português em notas de rodapé. Ainda, os excertos não foram alterados ou corrigidos por estes pesquisadores; todos os estudantes foram informados sobre suas participações na pesquisa e todos os citados (nomes fictícios) assinaram termos de autorização para a publicação dos dados.

TEORIZAÇÃO: LETRAMENTO DIGITAL

O letramento digital, segundo Lankshear e Knobel (tradução nossa, 2008, p. 5), pode ser entendido como uma gama de “práticas sociais e concepções com vistas ao engajamento na produção de significados mediados por textos que são produzidos, recebidos, distribuídos, trocados, etc., através de codificação digital”. Por textos, podemos entender: blogs, videogames, filmes, mensagens de texto, páginas de redes sociais on-line, fóruns de discussão, memes de internet, FAQs, resultados de pesquisa on-line e assim por diante.

No que se refere aos celulares, por exemplo, podemos asserir que o sucesso das mensagens de texto via aparelhos celulares foi inesperado, segundo Rheingold (2003). Para o autor, o uso do SMS cresceu rapidamente, por ser mais barato que as ligações e por ter sido utilizado, principalmente, por adolescentes. Com isso, presenciamos a criação de uma Generation txt, ou seja, uma geração de usuários que conseguia digitar sem nem mesmo olhar para a tela do celular, pois decoravam a ordem das teclas. Hoje em dia, o celular, com muito mais funções e possibilidades de conexões (WhatsApp, Snapchat, Instagram, Twitter), superou a “geração que enviava mensagem de texto”. Assim é que presenciamos uma mudança drástica na natureza dos espaços públicos e privados. Por exemplo, o bate papo com a pessoa ao seu lado no ônibus ou na fila de um banco, algo tão comum há algumas décadas atrás, tem sido substituído pelo foco na tela do celular. Mills (2010) chama essa mudança de digital turn, uma virada digital que tem proporcionado novas práticas de letramento em quase todos os contextos sociais em que há TD. Ainda nos entendimentos da autora, “a virada digital significa uma maior atenção às novas práticas de letramentos em ambientes digitais por vários contextos sociais,

como os de trabalho e educação, economia e de sites de lazer. Ela é uma consequência da globalização e o aumento das tecnologias de comunicação” (tradução nossa, MILLS, 2010, p. 247). A esse respeito, Lankshear e Knobel (2008) afirmam que:

Em um dos primeiros exemplos de uma definição conceptual Richard Lanham (1995, p. 198) afirma que "a alfabetização" ampliou o alcance semântico do que significa "a capacidade de ler e escrever." Agora, ela significa "a capacidade de compreender a informação, independentemente da maneira pela qual ela se apresenta". Ele enfatiza a natureza multimidiada da informação digital e argumenta que, ser letrado digitalmente envolve "ser hábil em decifrar imagens complexas e sons, bem como as sutilezas sintáticas das palavras" (tradução nossa, LANKSHEAR; KNOBEL, 2008, p. 2).

Dessa forma, mesmo sendo cautelosos e cientes do perigo das generalizações, percebemos uma geração inteira de jovens vivenciando, desde a década de 90, essa virada digital: crianças mexendo em celulares e tablets antes mesmo de saber falar, adolescentes cada vez mais entretidos com tantos jogos e aplicativos e estudantes de todos os níveis educacionais com celulares ligados em suas mãos (ou debaixo da carteira) nas aulas.

Diante do exposto, indagamos: Como o educador lida com a chamada virada digital em suas aulas? Deve-se trazer o mundo tecnológico da realidade dos alunos para o contexto educacional? No caso do ensino de línguas, devemos repensar as práticas letradas digitais? O que fazer com o celular nas aulas?

Celulares e outras novas tecnologias sempre fizeram parte da educação. E continuarão sendo trazidos para as aulas. Seus usos (sociais, educacionais) vêm sendo alvo de políticas públicas educacionais em diversos estados (no estado do Espírito Santo, por exemplo, liberou-se a utilização educacional de celulares por estudantes do ensino público em 2015). Porém, é necessário refletirmos para além dos usos (ou proibições dos usos) de tais aparelhos. Promover um melhor entendimento das epistemologias que sustentam as práticas pedagógicas baseadas em novas tecnologias e que sustentam as formações de professores seria mais interessante do que simplesmente proibir ou permitir o uso de celulares nas aulas. Nos entendimentos de Soby (2008):

O bom professor das escolas de amanhã não é apenas um instrutor, mas um participante híbrido que combina o conhecimento acadêmico e o mundo digital. Ele pode ver as possibilidades inerentes aos diferentes modelos de aprendizagem e variar o uso do material didático e a utilização da Internet. Ele é inspirador, compartilha conhecimento e sabe usar as multimídias. Ele facilita uma complexa experiência simulada pela realidade virtual em computadores e jogos 3D; supervisiona trabalhos com projetos multidisciplinares, navega na internet ao mesmo tempo em que analisa criticamente fontes na internet e discute o uso de jogos de computador em situações de aprendizagem (tradução nossa, SOBY, 2008, p.144).

Além disso, as falas dos estudantes desse curso de Letras Inglês nos fizeram refletir, como veremos proximamente, sobre a realidade em que se encontram muitas universidades no tocante à inserção e à problematização das TD nas aulas, currículos e formações: as TD são praticamente excluídas das discussões e, quando inseridas, são geralmente utilizadas dentro de uma epistemologia tradicional/instrumental de educação (por exemplo, a substituição do caderno

pelo Word, dos slides pelos “powerpoints”, ou dos desenhos pelo Paintbrush/Photoshop/Coreldraw). Ou seja, não focalizamos as dimensões críticas (realmente precisamos de tecnologia?), contextuais (em nosso contexto educacional, há TD?) e culturais (como construímos nossas identidades via digitalidade?), ao olharmos para a educação tecnológica.

Acreditamos que isso ocorra em outros ambientes escolares (haja vista a proibição do uso dos celulares na educação pública de vários estados no Brasil). A esse respeito, corroboramos Tedesco (2003):

Dito de maneira polêmica: a universidade que temos corresponde ao mundo dos dois últimos séculos, mas provavelmente está morrendo ante nossos olhos. Por quê? Porque ela já não mantém nenhuma relação criativa, produtiva, real, relevante com os desafios externos (...) e sua capacidade de resposta foi se atrofiando gradualmente (TEDESCO, 2003, p. 38).

Nesse sentido, há estudos que demonstram que a universidade do século XXI tem muito a repensar se enseja uma integração com a sociedade contemporânea. Concordamos, ainda, com Tedesco (ibid.), quando o autor afirma que a universidade está se transformando “numa figura fantasmagórica, que pode educar, sem dúvidas, e fazer coisas interessantes, mas que não é capaz de expressar reflexiva e institucionalmente os mundos de possibilidades que estão se formando à sua volta”. Os estudos de Fisch, McLeod e Brenman (2008) mostram que os conhecimentos aprendidos pelos estudantes durante o primeiro ano da graduação tecnológica, por exemplo, estarão desatualizados quando estes mesmos estudantes alcançarem o final do curso. Outrossim, os dados desta pesquisa apontam para um descompasso entre as práticas pedagógicas/currículos e a inserção/problematização das TD nas aulas.

DISCUSSÃO DOS DADOS

AS TECNOLOGIAS DIGITAIS NA VIDA COTIDIANA DOS ESTUDANTES

Argumentamos que, embora muitos vivam e sobrevivam sem as tecnologias digitais, é quase impossível, para aqueles dos centros urbanos, abrir mão das tecnologias digitais, pois elas têm, em uma perspectiva funcionalista, facilitado cada vez mais nossas vidas. Um exemplo dessa sobrepujança pode ser depreendido de nossas observações de aulas. No segundo dia de observação anotamos:

Observação de campo: A aula ainda não começou, Ana Júlia está com seu celular e seu tablet em cima da mesa, Janaina está com o notebook em cima da mesa e está lendo algo nele, Gustavo está com seu celular e seu tablet em cima da mesa e está usando apenas o celular, Patrício está apenas com o celular em cima da mesa e está usando. Relembrando, a aula ainda não começou.

Dessa forma, notamos que, em momentos nos quais há pausas ou intervalos nas aulas, os alunos se preocupam mais em usar aparelhos eletrônicos, seja para conversar com uma pessoa que não se encontra ali fisicamente, jogar ou ler algum texto, do que conversar com algum colega ao lado deles. Essa não é uma característica unicamente das salas de aula, pois presenciamos isso em nosso

cotidiano: nos ônibus, restaurantes, filas de banco, praças, shoppings e em outros ambientes públicos, é sobremaneira comum os jovens estarem imersos em seus aparelhos. A esse respeito, Rheingold (2003) afirma que, com os smart mobs (celulares inteligentes), as pessoas preferem olhar para seus celulares a falar com pessoas em volta, e com isso a natureza dos espaços públicos e outros aspectos da geografia social estão mudando diante nossos olhos. No tocante à educação linguística, FERRAZ (2015) ressalta que:

Esses são os alunos que pesquisam em sites, buscam músicas, traduzem, ouvem, praticam e aprendem línguas. Se antes se tentava evitar tais generalizações (talvez um receio em admitir que nós, educadores, somos os outsiders), hoje em dia é praticamente impossível negar o fato de que novos mindsets emergiram com a sociedade digital e que os jovens usam seus smart mobs para mandar mensagens de texto, vídeo e música para conectar com a rede e até mesmo agir politicamente, como no caso citado das Filipinas (RHEINGOLD). São esses alunos multitaskers que estão perdendo o interesse por aulas em que a centralidade, o poder, a univocidade e a linearidade da ordem textual prevalecem (FERRAZ, 2015, p. 98).

Com o aumento da comunicação e da conectividade, as mentalidades (new mindsets) dos estudantes têm se alterado e adquirido, cada vez mais, habilidades simultaneamente multifacetadas (multitasking), ou seja, conseguem lidar com diversos dispositivos e meios de transmissão de informação ao mesmo tempo (por exemplo, teclar, jogar, enviar mensagens e assistir às aulas). Em uma das entrevistas, perguntamos aos participantes “Quão tecnológicos vocês são?”, e obtivemos as seguintes respostas:

Ana Júlia: I think I am now I am more than before like four years ago because... some years ago I... I only depended on my cellphone and now I depend on my computer like the internet and this kind of things, I think I am too much technological.

Amanda: I am a technological person, yes, I use my cellphone a lot and when I am not using my cellphone I am using my computer or something like that so, I'm very technological, Jesus.

Tedesco (2003) defende que “A educação vive um tempo revolucionário, carregado, por isso mesmo, de esperanças e incertezas. Isso se manifesta claramente na aproximação entre educação e novas tecnologias da informação e da comunicação (NTIC)” (TEDESCO, 2003, p. 17). Nossos alunos se encontram rodeados pelas novas tecnologias e fazem uso constante delas, como verificado nas asserções de todos os participantes acima. Porém como temos ressaltado, nem sempre essa tecnologização da vida estudantil é vista com bons olhos. É comum presenciarmos, em nosso contexto, a reclamação de estudantes que não puderam acompanhar as aulas por meio de celulares ou tablets: “a professora não permite o uso de tablets nas suas aulas, pois acha que estamos fazendo outras coisas, como nos divertindo com jogos eletrônicos” (Irene). Em outra parte da entrevista, perguntamos aos estudantes se eles conseguem imaginar suas vidas sem tecnologia e obtivemos essas respostas:

Pesquisadores: And... can you imagine your life without technology?

Ana Júlia: No (risos) I can't.

Amanda: No, no (risos), no. That's it I cannot.

Janaina: Nooo... It's very hard to imagine....no.... I mean it would be difficult but it could be possible

Gustavo: Yes yes, I really want to get out of technology... of technology but I cannot do this nowadays because we all... we depend of, of this, ok.

As alunas Amanda e Ana Júlia disseram que não conseguem imaginar suas vidas sem tecnologia, e responderam de forma automática, sem parar para pensar. Janaína disse que é muito difícil imaginar uma vida sem a tecnologia. Já Gustavo assume que deseja se livrar da tecnologia, mas logo em seguida afirmou que não pode fazer isso nos dias de hoje e que todos nós dependemos dela. Complementa o debate a aluna Irene: “Se você não tem um computador com acesso à internet em casa, por exemplo, fazer um curso na graduação seria algo extremamente difícil, como fazer as pesquisas? Às vezes, só os computadores oferecidos pela faculdade não dão conta, pois muitos estudantes passam madrugadas em casa acordados para dar conta de tudo. Como se comunicar com professores e colegas, se esta comunicação acontece na maior parte mediada por email? Quando não utilizam email, usam Whatsapp, Facebook e etc., ou seja, outros meios que dependem da tecnologia”.

Porém, como enfatiza Rheingold (2003), devemos ter a noção de que a tecnologia tem um propósito muito além do que facilitar nossas vidas e resolver nossos problemas:

Estamos incrivelmente em sintonia com a ideia de que o único propósito da nossa tecnologia é resolver os problemas. Ela também cria conceitos e filosofia. Devemos explorar mais detalhadamente esses aspectos de nossas invenções, porque a próxima geração de tecnologia vai falar conosco, nos entender e perceber o nosso comportamento. Isso vai entrar em cada casa e escritório e intercederá na informação e na experiência que recebemos (tradução nossa, RHEINGOLD, 2003, p. 89).

Complementando, vale ressaltar que, embora nossos dados nos conduziram à discussão sobre a dimensão basilar do letramento digital (que Lankshear e Knobel chamam de novos letramentos), que é a dimensão instrumental (ter ou não o instrumento, saber utilizá-lo), insistimos que, para pensarmos em uma educação tecnológica, as dimensões críticas e socioculturais são igualmente importantes. Com base nas perspectivas de Lankshear, Snyder e Green (2000), AUTOR apreende que “em oposição à visão mecanicista e reducionista de ensino e aprendizagem, o papel da educação seria o de capacitar os alunos a transitarem nas dimensões operacionais, culturais e críticas da educação e tecnologia” (AUTOR). Ademais, complementam Lankshear, Snyder e Green (ibid.) que “compreender o letramento como uma prática sociocultural significa que ler e escrever somente podem ser entendidos e adquiridos dentro do contexto das práticas sociais, culturais, políticas econômicas e históricas às quais se inserem” (LANKSHEAR, SNYDER, GREEN, 2000, p. 28).

O USO DE CELULARES EM AMBIENTE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUAS

Paiva (2013, p. 215) chama a atenção para as recentes iniciativas governamentais em relação à educação tecnológica, por exemplo, o ProInfo, Portal do Professor, Domínio Público e o Banco Internacional de Objetos Educacionais. Além disso, a autora menciona os novos papéis atribuídos às tecnologias (NTIC)

nos documentos oficiais (Plano Nacional de Educação, Parâmetros Curriculares Nacionais, Orientações Curriculares do Ensino Médio), afirmando que “o governo federal está fazendo sua parte para que o Brasil atinja os patamares esperados para o século XXI” (PAIVA, 2013, p. 214). Atenta, ainda, para o fato de que “com a crescente demanda pela utilização das TICs em cursos presenciais e o aumento de disciplinas e cursos mediados por computador, faz-se necessário pensar na inserção desse componente na formação de professores de línguas” (ibid.).

Em uma das respostas de nossas entrevistas, a aluna Irene declarou: “Se precisamos de um texto que está disponível para download, para que imprimir ou xerocar? Podemos acessar em nossos celulares e tablets sem gastar nada. Se precisamos de uma definição, tradução ou explicação durante as aulas, usamos esses dispositivos para ter acesso em tempo real e assim, contribuir na construção do conhecimento. Quando esquecemos de baixar um texto que será usado em sala, ou quando poucos alunos tiveram acesso ao download do texto, podemos compartilhar por Bluetooth com muita facilidade, sem, neste caso, precisar de conexão a internet”. Portanto, parece-nos essencial problematizarmos as ferramentas tecnológicas, do ponto de vista instrumental (o uso das mesmas pelos estudantes) e da perspectiva formativa (debatendo o letramento digital/novos letramentos como práticas pedagógicas que eduquem por meio da digitalidade).

Nas demais entrevistas, perguntamos a alguns alunos porque eles fizeram o uso do celular naquele dia em que a aula foi observada e vimos que o uso ocorreu a favor do aprendizado:

Ana Júlia: Today? I used to join the class, to read the text with the teacher and generally I use to download the texts and sometimes to make a draft of the class because I... I don't like to note on my notebooks.

Amanda: Today I used to read, just that.

Laura: To... send an email to Daniel and check the time, only this.

Como podemos observar, no caso da Ana Júlia, o celular foi usado apenas para participar da aula, pois ela acompanhou o texto utilizado em sala, e isso foi percebido durante as observações de aula, pois, segundo nossas anotações, ela demonstrava estar seguindo o texto trabalhado em sala, seguindo a leitura com seus olhos e dedos. O mesmo ocorreu com Amanda. Ana Júlia comentou, ainda, que costuma baixar os textos pelo celular, algo extremamente comum para os alunos dessa geração digital. Depreendemos desses comentários uma mudança em relação às práticas de décadas atrás: se antes, os estudantes eram orientados a se dirigir ao Centro de fotocópias e xerocar os textos a serem utilizados em aulas, muitas vezes enfrentando enormes filas, hoje em dia, muitos preferem fazer o download dos textos e acompanhar as leituras na pequena tela do celular, “poupando tempo e dinheiro”, segundo Amanda.

Ana Júlia afirma, ainda, que gosta de fazer o rascunho da aula pelo celular porque não gosta de usar o caderno, outra mudança perceptível e paradigmática em relação ao famoso caderno de papel. Porém, Ana Júlia indaga: “como poderíamos tornar a anotação do conteúdo em algo mais prático e rápido se os professores não permitiam o uso de tais tecnologias? Além disso, hoje em dia tiramos foto da lousa ao invés de copiar, salva tempo e é mais fácil para compartilhar com os colegas depois”. A aluna Laura comentou que usou o celular para enviar um email para o professor e para checar as horas. Essa facilidade de

compartilhamento de material online em tempo real pode enriquecer a relação entre o aluno e o professor, como afirmam Lankshear e Knobel (2008): “estar envolvido em práticas digitais fornece oportunidades de produção de significados situados ao invés de significados apenas verbais (ou literais) de conceitos, processos e funções” (tradução nossa, LANKSHEAR; KNOBEL, 2008, p. 13).

Na entrevista com o estudante Gustavo, registramos: “Aaahn... I was checking the time and aahn...checking if there is some notification of WhatsApp or email”. Gustavo disse que apenas checou as horas e notificações de WhatsApp ou email. Ele foi o único entrevistado que afirmou ter usado o celular para algo fora do foco da aula. Depreendemos desse fato que, quando a aula não está interessante, muitos estudantes utilizam o celular para jogar, mandar Snapchat, SMS ou WhatsApp, entrar no Facebook, checar emails, visualizar o Instagram, etc. Gustavo afirma, ainda: “Não tem jeito, todos os alunos fazem isso, se o professor não permite fazem escondido”.

A segunda pergunta da entrevista investigou como os alunos fazem o uso do celular em outras aulas/disciplinas:

Ana Júlia: I used to play games on my cellphone and to send messages and sometimes to read my emails.

Amanda: Yes, all the time, to play games and etc, to send messages, and it depends on the class, if the class is not interesting I play... like a lot, I play Candy Crush, yes I play Candy Crush, and... I used to... what else do I use my cellphone for? Ahnn... to navigate on the internet, when I have internet and it's that. And to... ok, play games, send messages, read texts just that, yes, that's it (risos).

Laura: It depends on the class, if the class is boring to text and... visit websites and everything, but if the class is interesting to read text or send things to the professor, only this.

Gustavo: It depends to... ahn... maybe if the class is boring I am checking all the social media aaand... but for interesting classes I, oh, I I was, I never check, I just check the time.

As alunas Ana Júlia e Amanda afirmaram que usam o celular para jogar e mandar mensagens durante a aula. Amanda cita o Candy Crush, um jogo considerado a “febre” do momento. Nos casos de Laura e Gustavo, ambos afirmam que se a aula é chata, eles mandam mensagens, visitam websites, porém quando a aula é interessante eles apenas usam os celulares para ler os textos e mandar coisas para o professor. Na visão de Ramos (2012), “Os aparelhos eletrônicos em sala de aula são um convite à distração, durante as aulas, utilizados em excesso por muitos alunos e muitas vezes prejudicam o aprendizado” (RAMOS, 2012, p.3). Entretanto, será que na sociedade em que vivemos a proibição do uso desses aparelhos seria o melhor caminho? Como vimos, o uso desses aparelhos é utilizado em certas situações a favor do aprendizado, e só é usado para outros fins quando eles não consideram a aula interessante por algum motivo. Nesse sentido, complementam Lankshear e Knobel (2008) que:

Os estudantes digitalmente letrados de hoje em dia preferem encontrar a informação por conta própria usando ferramentas de pesquisa, procurando colegas ou salas de chat do que procurar o conselho de professores e bibliotecários, e eles podem rapidamente e facilmente agregar segmentos de informação desassociados ou informação errada para criar um novo conhecimento. Isso sugere uma necessidade para as habilidades de pensamento crítico que o

letramento estimula, determinando o quão verossímil a informação é e o quão importante significa contextualizar, analisar e sintetizar o que é encontrado online. Além disso, considerações legais e éticas quanto ao respeito pelos direitos autorais e propriedade intelectual são necessários para assegurar que a informação está sendo usada de forma apropriada (tradução nossa, LANKSHEAR; KNOBEL, 2008, p. 55).

Essa preferência dos estudantes pela busca do conhecimento por conta própria pode indicar novas relações educacionais, quais sejam: o professor não necessita mais ser o detentor do saber, o estudante adquire mais autonomia em relação à busca do conhecimento, há novas e variadas formas de adquirir conhecimento via digitalidade. Ainda a esse respeito, a estudante Irene aponta, na entrevista: “Porém nos deparamos com muitas informações erradas e até mesmo manipuladas na internet, o que é muito perigoso quando um aluno acaba sendo ingênuo ao se deparar com esse tipo de informação e dando crédito ao conteúdo. Para que esse uso ocorra de forma significativa, sem o risco de o aluno estar dando credibilidade a fontes não confiáveis, seria interessante ter algum tipo de orientação de como fazer esse uso por parte dos professores, é preciso ajudar e instruir os alunos para que eles pensem criticamente sobre o que eles encontram pela internet para não acabarem seguindo um caminho errado ou caindo em armadilhas”.

No caso das aulas observadas para esta pesquisa, o professor permitia o uso de aparelhos tecnológicos (celulares, notebooks, tablets, etc) em sala de aula, inclusive nos dias de avaliação formal. Percebemos que tal prática pode ser enriquecedora, tanto para o aprendizado quanto para a relação aluno-professor:

Observações de campo: No primeiro dia das observações de aulas feitas para essa pesquisa, foi possível notar que em um determinado momento havia 11 alunos em sala e apenas 2 alunos usavam o caderno para fazer anotações, outros dois estavam com o caderno em cima da mesa, mas nem abriram. Isso ocorreu porque a grande maioria acompanhava a aula por seus aparelhos, acessavam seus textos e faziam suas anotações ali digitalmente.

No segundo dia de observação foi notado o uso do caderno juntamente com algum tipo de aparelho tecnológico por boa parte da turma, isso porque eles estavam respondendo a questões que foram anotadas no caderno.

Como mencionado anteriormente, os cadernos que antes eram a única ferramenta utilizada para fazer as anotações e copiar o conteúdo em sala agora estão cada vez mais perdendo parte de sua função. Corroborando Mills (2010), defendamos que “Existe um reconhecimento geral que práticas de leitura e escrita usando palavras em textos no formato de papel são necessárias, mas não suficientes, para a comunicação por plataformas múltiplas de produção de significado na sociedade” (tradução nossa, MILLS, 2010, p. 252). Muitos alunos optam por anotar em seus celulares ou tirar fotos do conteúdo escrito no quadro do que copiar em cadernos. É possível notar esse fato em uma das observações, onde apenas quatro alunos (de um total de onze) estavam com os cadernos sobre a mesa e, destes, apenas dois estavam realmente usando para fazer anotações durante a aula. No segundo dia registramos um uso mais ativo do caderno, porém este uso estava sempre acompanhado de algum aparelho tecnológico. Foi possível notar que isso ocorreu devido a alguma atividade na qual eles precisaram

responder no caderno questões que estavam no texto. Prosseguindo a discussão, anotamos que

Observação de campo: os alunos acompanhavam a leitura do texto utilizado em sala pelo tablet, celular ou notebook e apenas uma única aluna na sala tinha o texto de forma impressa, enquanto que os outros utilizavam seus aparelhos.

Alguns dos alunos que acompanham o texto da aula pelo tablet usam celular para, pelo o que pode ser notado pelo movimento das mãos, mandar mensagens. A maioria dos alunos mantém o celular em cima da mesa durante a aula inteira, mas não utilizam por um longo período de tempo consecutivo, o que não parece ser um uso prejudicial ao aprendizado. Em certo momento em que o professor pede a atenção de todos, a maioria deixou o celular de lado e dá atenção ao professor, só alguns deles usam rapidamente parecendo apenas checar alguma notificação ou as horas.

Dessas observações, podemos asserir que os jovens da geração digital são capazes de perceber o objetivo de se utilizar o celular durante as aulas: a maioria manteve o celular em cima da mesa, porém não usava quando o professor explicava o conteúdo, pois sabiam que “aquele não era o momento”. Saber ou não o momento para usar essas tecnologias pode ser uma reflexão advinda do letramento digital, como enfatizam Lanksherar e Knobel (2008, p. 28): “letramento digital é saber quando utilizar uma fonte não-digital”. Encerrando essa seção, Ahmed, Kasi e Nasseef (2013) sumarizam o que pensamos a respeito da reflexão sobre o uso dos celulares nas aulas de inglês:

Afirma-se claramente na teoria da aprendizagem situada que “o aprendizado ocorre mais provavelmente quando a informação é contextualmente relevante e pode ser colocada em uso imediato” (Lave and Wenger, 1991). Portanto, assumimos que tecnologias móveis podem fornecer uma poderosa conexão entre uma variedade de contextos formais e informais e podem ajudar a construir uma comunidade de aprendizes. Se usados corretamente e com moderação, esses dispositivos prevalentes podem conectar a sala de aula com o mundo lá fora (...) Assim, esses dispositivos parecem permitir os alunos a facilmente realizar tarefas na sala de aula, apresentações e anotações com eles depois da aula. E também, os alunos são encorajados a personalizar sua experiência de aprendizado, o que os permite assumir um papel no processo de construção do conhecimento. Na realidade, nossos alunos são os habitantes da geração em rede e se eles tivessem a oportunidade, eles explorariam o uso desses dispositivos subutilizados no aprendizado e isso nos surpreenderia (tradução nossa, AHMED; KASI; NASSEEF; 2013, p. 3129).

E, por fim, a estudante Irene afirma: “Seria realmente surpreendente se pudéssemos abrir as portas de vez para que esses aparelhos tecnológicos móveis entrassem em sala de aula, porém os políticos e professores que decidem como essas novas tecnologias serão usadas em salas de aula não possuem a mesma visão sobre essas tecnologias que nós dessa nova geração, que somos nativos digitais; eles [os políticos e professores] cresceram e vivenciaram outros tempos, o que já é algo arcaico para nós, mas como tiveram uma educação toda baseada nos métodos mais tradicionais, e essa foi a educação que funcionou para eles, muitas vezes acabam percebendo como se esses fossem os ideais”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em pesquisa realizada na Letras-Inglês da UFES sobre a formação de professores de línguas de e para o século XXI, Fadini (2016, p. 131) assevera que “o reconhecimento do papel do inglês e das tecnologias no atual cenário visa preparar cidadãos para viver no mundo globalizado do século XXI, que exige novas habilidades, tais como o pensamento crítico, o letramento digital, a capacidade de integrar diferentes mídias e tecnologias, entre outras”. Complementa a autora enfatizando que

O ensino de línguas estrangeiras em geral e do inglês, em particular, no Brasil, clama por uma abordagem mais crítica para permitir a formação de capital social (WARSCHAUER, 2003) e de uma educação libertadora (FREIRE, 1997) que represente uma emancipação e empoderamento (KACHRU, 1986; GUARESCHI, 2008) do aluno, cidadão do século XXI, para o exercício pleno de sua cidadania local e global (FADINI, 2016, p. 131).

Creemos que alguns desses aspectos, tais como a cidadania, emancipação e empoderamento podem estar ligados às práticas pedagógicas que se preocupam e inserem as TD. Assim, retomando as questões levantadas, sobre como o educador lida com a chamada virada digital em suas aulas, podemos asserir que há, ainda, muitos conflitos em relação à inclusão ou não das TD nas aulas de inglês. Na perspectiva dos estudantes, percebe-se claramente a denúncia do choque de gerações, entre imigrantes e nativos digitais. Retomando mais uma questão levantada, devemos trazer o mundo tecnológico da realidade dos alunos para o contexto educacional? Defendemos que, embora os usos tecnológicos devam ser incentivados, pensar apenas na dimensão instrumental não é suficiente. Como ressaltamos, com base em Lankshear, Snyder e Green (2000) e AUTOR (2015), é nas dimensões críticas e socioculturais que podemos pensar as epistemologias que sustentam os usos, permissões e proibições das TD nas aulas de línguas.

No caso do ensino de línguas, devemos repensar as práticas letradas digitais? O que fazer com o celular nas aulas? Alguns apontamentos desta pesquisa nos alertam para o fato de que o uso dos celulares e a discussão sobre este uso na formação dos futuros professores podem trazer benefícios para o ensino e aprendizagem de línguas. Por meio dos dados, foi possível notar como dentro de uma sala de aula os aparelhos tecnológicos são a forma dominante de se acessar os textos. Ainda, os alunos se consideram tecnológicos, admitindo fazer uso da tecnologia em vários âmbitos de suas vidas, desde o lazer até o trabalho e os estudos, e que não conseguem imaginar mais suas vidas sem a tecnologia.

Nossas práticas pedagógicas ainda lidam, em muitos contextos, com o material impresso e a linearidade dos livros, ignorando uma gama de novas oportunidades para enriquecer o ensino e o aprendizado. No caso das línguas estrangeiras, focalizado aqui, perde-se a oportunidade do enriquecimento linguístico (uso de dicionários online, websites, ou até mesmo o uso do Facebook em inglês), bem como se esvaem as oportunidades de reflexão sobre as novas tecnologias, redes sociais, identidades, autoria, autonomia e cidadania. Lankshear e Knobel (2008, p. 123) afirmam que as NTIC são vistas como uma ameaça por muitos educadores, quando na verdade poderiam enriquecer muito o ensino e a aprendizagem:

Existe um inexplorado potencial para a aprendizagem associado ao uso acadêmico/profissional e pedagógico da mídia digital. (...) as mídias digitais não são utilizadas em seu total potencial em instituições de aprendizado como as de hoje. (...) Serviços de internet e celular tornam a comunicação mais rica, abrangendo mais mídias e mais usos pessoais. A arena digital é tanto um lugar para diferenciação e diversidade cultural como uma força motora para a homogeneidade. Isso providencia oportunidades para aprendizados. Contudo, para ter sucesso, os pupilos devem ser incluídos. Enquanto isso, teorias do aprendizado precisam ser atualizadas e sincronizadas com a revolução digital. A prática pedagógica é ainda dominada pela tecnologia do livro. Alguns pesquisadores da educação até veem as NTIC como uma ameaça (tradução nossa, LANKSHEAR; KNOBEL, 2008, p. 123).

Portanto, sugerimos que é essencial debatermos os usos das TD pelos nossos estudantes/futuros educadores. Acreditamos que os discursos encontrados nesta pesquisa nos ajudam pensar nossos conhecimentos acerca das dimensões necessárias para ampliarmos os efervescentes debates em torno da educação tecnológica e educação linguística.

Digital literacy: the uses of mobile phones in English language licentiate degree course

ABSTRACT

Nowadays, the youth can be considered digital natives, which means that, according to Lankshear and Knobel (2008), a whole generation has grown up in a digital society, exposed to vast amounts of information in a variety of formats: text, images, video and audio. However, digital technologies are still not welcome inside the classrooms. Our goal, then, is to problematize the role of such digital technologies (mainly the mobile phones) in lifeworlds and educational settings of undergraduate students of English of a federal Brazilian university. In order to achieve this, we applied an ethnographic qualitative methodology in which oral interviews and classes observations were used. Some research results point to the need of more dialogue between educators and students when technological and linguistic education are connected.

KEYWORDS: New digital technologies. New Literacies. English language education.

NOTAS

¹ Ana Júlia: Eu acho que sou agora, mais do que há quatro anos atrás porque ... alguns anos atrás, eu ... eu só dependia do meu celular e agora eu dependo do meu computador, como a internet e este tipo de coisas. Eu acho que sou muito tecnológica.

Amanda: Eu sou uma pessoa tecnológica, sim, eu uso muito meu celular e quando eu não estou usando meu celular, estou no meu computador ou algo parecido por isso, sou muito tecnológica, Jesus!

² Pesquisadores: E você pode imaginar sua vida sem tecnologia?

Ana Júlia: Não... (risos) Eu não posso.

Amanda: Não, não (risos), não. É isso que eu não posso.

Janaina: Nããã ... É muito difícil imaginar ... não Quero dizer, seria difícil, mas que poderia ser possível.

Gustavo: Sim, sim, eu realmente quero me livrar da tecnologia ... da tecnologia, mas eu não posso fazer isso hoje em dia , porque todos nós ... nós dependemos dela, ok.

³ Ana Júlia: Hoje? Eu usei para participar da aula, para ler o texto com o professor e geralmente eu uso para baixar os textos e, às vezes, para fazer um rascunho da aula, porque eu ... eu não gosto de tomar nota em meus cadernos .

Amanda: Hoje eu usei para ler, apenas isso.

Laura: Para ... enviei um e-mail para o Daniel e verificar as horas, só isso.

⁴ Gustavo: Aahn ... Eu estava checando as horas e humm ... verificando se havia (sic) alguma notificação no WhatsApp ou e-mail.

⁵ Ana Júlia: Eu costumava jogar jogos no meu celular e enviar mensagens e, às vezes, ler meus e-mails.

Amanda: Sim, o tempo todo, para jogar jogos, etc... para enviar mensagens. Isso depende da aula, se a aula não é interessante eu jogo ... muito!, eu jogo Candy Crush, sim eu jogo Candy Crush e ... eu uso para ... em que mais eu uso meu celular? Ahnn ... para navegar na internet , quando eu tenho internet e é isso. E ... ok, jogar, enviar mensagens, ler textos, apenas isso, sim , é isso (risos).

Laura: Depende da aula, se a aula é chata eu uso para enviar mensagens de texto e ... visitar websites e tudo, mas se a aula é interessante, uso para ler o texto ou enviar coisas para o professor, apenas isso.

Gustavo : Depende de... ahn ... se a classe é chata eu fico verificando todas mídias sociais ... mas para as aulas interessantes eu... humm, eu nunca verifico nada, somente as horas.

REFERÊNCIAS

- AHMED P. S.; KASI, F.; NASSEEF, O. A. Mobile Phones: Under-utilized Pedagogical Devices. **Life Science Journal**, v.4, n. 10, 2013, pp. 3128-3131.
- FADINI, K. A. Formação inicial de professores de inglês do e para o século XXI: os papéis da língua inglesa e da tecnologia digital. **Dissertação de Mestrado**, PPGEL, UFES, 2016. Dissertação não publicada.
- FERRAZ, D. M. **Educação crítica em língua inglesa: neoliberalismo, globalização e novos letramentos**. Curitiba: Editora CRV, 2015.
- FIELDHOUSE, M.; NICHOLAS, D. Digital Literacy as information savvy: the road to information literacy. In LANKSHEAR, C.; KNOBEL, M. (Orgs.). **Digital literacies: Concepts, Policies and Practices**. New York: Peter Lang, 2008.
- FISCH, K.; McLEOD, S.; BRENNAN, J. **Did you know?** (vídeo online). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cL9Wu2kWwSY>>. Acesso em 17 julho 2016.
- LANKSHEAR, C.; KNOBEL, M. **Digital Literacies: Concepts, Policies and Practices**. New York: Peter Lang Publishing, 2008.
- LANKSHEAR, C.; SNYDER, I.; GREEN, B. **Teachers and technoliteracies: managing literacy, technology and learning in schools**. St. Leonrads: Allen & Unwin, 2000.
- MILLS, K. A. A Review of the “Digital Turn” in the New Literacy Studies. **Review of educational research**, v. 80, n. 2, p. 246-271. New York: SAGE, 2010.
- PAIVA, V. L. M. O. A formação do professor para uso da tecnologia. In: SILVA, K. A.; DANIEL, F. G.; KANEKO-MARQUES, S. M.; SALOMÃO, A. C. B. (Orgs.) **A formação de professores de línguas: Novos Olhares**. Volume 2. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013. p. 209-230.
- RAMOS, M. R. V. O uso de tecnologias em sala de aula. **Revista Eletrônica LENPES**, UEL. Ed, 2, vol.1, jul-dez. 2012, pp. 1-16.
- RHEIGOLD, H. **Smart Mobs: The Next Social Revolution**. Cambridge: Basic Books, 2003.

SOBY, M. Digital Competence – From Education Policy to Pedagogy: The Norwegian Context. In LANKSHEAR, C.; KNOBEL, M. (Orgs.). **Digital literacies: Concepts, Policies and Practices**. New York: Peter Lang, 2008.

TEDESCO, J. **Educação e Novas Tecnologias**. São Paulo: Cortez Editora, 2004.

Recebido: 26 mai. 2016.

Aprovado: 20 ago. 2016.

DOI: 10.3895/rts.v12n26.3998

Como citar: FERRAZ, D.M.; NOGAROL, I. V. Letramento digital: os usos dos celulares em aulas de licenciatura em letras - inglês. **R. Tecnol. Soc.**, Curitiba, v. 12, n. 26, p. 97-114, set./dez. 2016. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rts/article/view/3998>>. Acesso em: XXX.

Correspondência:

Daniel de Mello Ferraz
Rua Francisco Eugênio Mussiello, 130, apto 208
jd da Penha, Vitória, ES
CEP 29060-290

Direito autorial: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

